

Turismo Literário no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: Conceituação e Ações Praticadas

Adriano T. MENEZES¹
Eloisa P. BARROSO²

Resumo: O turismo literário enquanto conceito e segmentação do turismo cultural ainda se faz incipiente no Brasil. Entretanto, percebe-se a sua aplicabilidade na Proposta Oficial de Reconhecimento e de implementação do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu. A região é conhecida por ter sido descrita no livro de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* e por ser detentora de uma grande diversidade ambiental e cultural. Assim, busca-se evidenciar a apropriação da obra literária, suas representações e ações para o desenvolvimento turístico e social das comunidades compreendidas pelo Mosaico.

Palavras-chave: turismo literário; patrimônio; representações; mosaico; Grande Sertão: Veredas.

1 O Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu

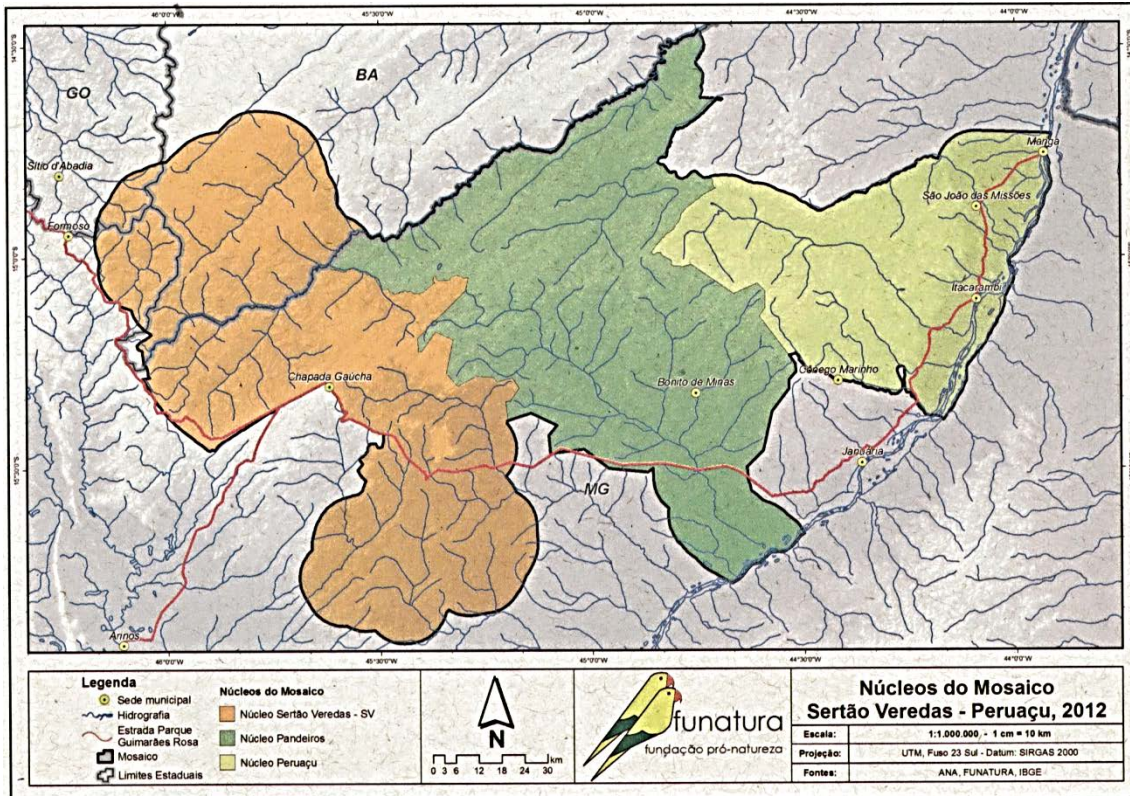
Este artigo, ao qual nos propomos, procura expor a apropriação pelo turismo dos símbolos culturais e da aptidão literária encontrada na região do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu coincidente com o texto literário de *Grande Sertão: Veredas*. Objetiva-se também, através da pesquisa teórica e exploratória, refletir sobre o conceito de turismo literário e a sua aplicabilidade ao destino mencionado. Quando se observa a constituição do Mosaico, idealizada pela Fundação Pró-Natureza (FUNATURA), é possível perceber indícios de uma apropriação desta obra literária e de suas representações como recurso de desenvolvimento através do turismo (SIMÕES, 2009). O Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu está localizado em uma área de transição do cerrado para a caatinga sob abrangência das mesorregiões norte e noroeste mineiras e conforma comunidades tradicionais quilombolas, indígenas, sertanejas e outras advindas em tempos recentes. É, ainda, um eixo integrador das atividades relacionadas ao turismo na região. A região é pouco conhecida e valorizada pela sua importância e potencial (FUNATURA, 2012). O Mosaico compreende os municípios de Arinos, Bonito de Minas, Chapada Gaúcha, Cônego Marinho, Formoso, Itacarambi, Januária, Manga, São João das Missões e Urucuia, em Minas Gerais e por uma pequena porção que se

¹ Mestrando em Turismo, pelo Centro de Excelência em Turismo – CET, da Universidade de Brasília – UnB. <http://bit.ly/1RIRSv0>. Email: atmenezesturismo@gmail.com.

² Doutora e Professora do Programa de Mestrado em Turismo do Centro de Excelência em Turismo – CET, da Universidade de Brasília – UnB. <http://bit.ly/1XM5UD7>. Email: eloisabarroso@uol.com.br

encontra no município baiano de Cocos é marcada pela baixa ocupação demográfica, porém datada da época do ciclo do ouro no Brasil.

Figura 01 - Mapa do Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu



Fonte: Funatura (2012)

A região é também lembrada pelos índices de desenvolvimento humano aquém da média nacional. Somente a partir da década de 1970, com programas de desenvolvimento do Governo Federal, a sua ocupação foi intensificada e atividades tais como pecuária e agricultura tomaram lugar propiciando transformações no território e consequentemente no estilo de vida de seus habitantes. Entretanto, a região adquiriu certo conhecimento após a publicação do romance *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa em 1956, surgindo assim uma toponímia imaginária e ficcional que referenciaria e por vezes explica “o sertão” do Brasil central. Em 1980 é criado o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, sob gestão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), tendo como objetivo a conservação do bioma cerrado e a preservação de parcelas importantes de ecossistemas naturais. Em consequência de sua criação, nota-se a intensificação de atividades de desenvolvimento sustentável, a criação de novas unidades de conservação e oportunidades de desenvolvimento econômico dos pequenos produtores de extrativismo vegetal e de turismo ecocultural. Tais atividades propiciam o fortalecimento da identidade dos povos do Sertão e empoderam as comunidades locais (FUNATURA, 2012).

O turismo na região ainda é bastante incipiente e desorganizado (FUNATURA, 2012), tendo como potenciais atrativos os parques nacionais Grande Sertão Veredas e Cavernas do Peruaçu e o rio São Francisco, frequentado para pesca. Destacam-se algumas iniciativas que objetivam ordenar a atividade turística no Mosaico, assim como promover o desenvolvimento territorial de base conservacionista, privilegiando a sua vocação para o turismo de base comunitária, ecológico, cultural, rural, de aventura, entre outros. Tais iniciativas visam remodelar o desenvolvimento socioeconômico nas comunidades compreendidas pelo Mosaico de forma que possa oferecer uma programação de roteiros e atividades de acordo com o perfil da demanda e de atrações e serviços disponíveis em cada um dos núcleos, polos ou municípios (FUNATURA, 2012).

Na fase de concepção do plano turístico, enxerga-se a combinação das diversas modalidades de turismo que visam a utilização do universo literário de Guimarães Rosa como caminhos e formas de atuação de agentes para implementar ações e políticas que fortaleçam a atividade turística e o desenvolvimento sustentável na região do Mosaico. A representação dos símbolos culturais e da aptidão literária encontrada na região do Mosaico coincidente com o texto literário de *Grande Sertão: Veredas* “favorecem, ou pelo menos indicam, uma apropriação da literatura como recurso de desenvolvimento através do turismo” (SIMÕES, 2009, p.49).

As ações desenvolvidas por representantes locais, organizações não governamentais (ONGs) e agentes institucionais da iniciativa privada e do poder público atuantes na região do Mosaico têm como objetivo suscitar a valorização do patrimônio cultural tanto quanto o ambiental, de forma que possa resultar em melhorias e benefícios concretos às comunidades sertanejas. A moeda recorrente de negociação passa a ser o capital tangível e intangível eminente do patrimônio cultural e ambiental das comunidades ali localizadas. Desta forma, pode-se ter a literatura de Guimarães Rosa como elemento decisivo e essencial tanto para o imaginário dos moradores e visitantes da região quanto para a formulação de ações e políticas que irão consagrar o Mosaico como destino turístico.

Ao analisar o Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu como um destino literário, pode-se contribuir para a discussão teórica acerca das representações de uma obra literária na construção de um destino turístico e na valorização da identidade cultural das comunidades ali presentes. Este artigo justifica-se pela aplicabilidade da definição de turismo literário na implementação de um destino turístico. Pode-se, ainda, atuar como apoio teórico na criação de novas estratégias que promovam a valorização da cultura sertaneja e o desenvolvimento social da população, na perspectiva da construção de um projeto em que a singularidade do patrimônio cultural regional descrita em uma obra literária seja uma marca para o mesmo.

2 Definição de Turismo Literário

O turismo literário, entendido como uma modalidade de turismo cultural, é desenvolvido em lugares relacionados com os acontecimentos dos textos de ficção e com a vida dos autores (Magadán e Rivas, 2012, p.29). As motivações que levam os turistas aos destinos tidos como literários aproximam-se bastante daquelas do turismo cultural. De acordo com Greg Richards (Richards, 1996, apud Magadán e Rivas, 2012, p. 19), o turismo cultural é o movimento de pessoas até as manifestações culturais fora de suas áreas de residência, com a finalidade de obter novos conhecimentos e experiências para satisfazer suas necessidades culturais.

O lugar literário, aquele diretamente ligado à uma obra literária através do autor ou da narrativa de sua obra é um lugar socialmente construído (HERBERT, 2001). Na construção de um lugar literário não há garantia de que as mensagens que recorrem ao teor literário proposto irão ser lidas e interpretadas como se é esperado (HERBERT, 2001, p.316). Os visitantes não são passivos e participam de forma direta na construção do significado esperado. Suas percepções e necessidades vão de encontro com a interpretação dos símbolos e das representações encontradas no lugar, ou que são simplesmente providenciadas pelos agentes gerenciadores do destino. Contudo, para Herbert (2001, p.317), um lugar literário sempre nascerá de um fato inequívoco, seja ele o local de nascimento de um escritor, ou um cenário incontestável de um livro. “É a autenticidade que irá se tornar uma experiência subjetiva. A combinação das intenções dos gerenciadores do destino, a interpretação do visitante e a interação entre os dois” (HERBERT, 2001, p.317) é que poderão validar o lugar enquanto um destino turístico literário. Qualquer imagem pode ser percebida como autêntica em função do espectador, devido ao caráter subjetivo da autenticidade (MAGADÁN e RIVAS, 2012, p.23).

Hoppen (2012) expõe que o turismo literário pertence a um nicho maior, o turismo criativo, que por sua vez, pertence a um outro nicho muito mais amplo, o turismo cultural e patrimonial. Para a autora, o turismo patrimonial é caracterizado pelo senso de lugar enraizado nas paisagens locais, nas pessoas, nas obras de arte e nas tradições e histórias. Por este motivo, cabe aqui neste artigo entendermos que o universo sertanejo descrito em *Grande Sertão: Veredas* constitui parte do patrimônio imaterial da região. O turismo cultural é praticado por visitantes que podem identificar, descobrir ou criar significantes de valores culturais juntamente com aquelas pessoas que se tornaram parte das mitologias culturais dos lugares. Hoppen (2012, apud SQUIRE 1996, HERBERT 2001) apresenta dois grandes tipos de turismo literário; os **lugares da vida real** associados com a vida dos autores (túmulos, lugares de nascimento ou domiciliares) e os **lugares imaginados** relacionados com a obra escrita. A autora ainda cita outros lugares que podem causar fluxo turístico e que estão associados à literatura: os festivais literários e turismo em livrarias. Estes acontecem

periodicamente e permitem uma interação com escritores e celebridades, despertando sempre a expectativa de que autores irão aparecer publicamente e relatar sobre seu trabalho e processo de criação. No turismo em livrarias (HOPPEN, 2012, apud MINTEL, 2011, p.16) os turistas preambulam durante suas viagens em busca de livrarias locais que ofereçam títulos (guias, mapas literários, passeios literários) relacionados com o destino que estão visitando ou ainda com os livros de escritores locais.

A interação entre a literatura e a criação de uma imagem turística do Brasil funda-se em textos que remontam desde a época de seu descobrimento, sendo esta a primeira imagem que foi associada ao Brasil a partir da chegada dos portugueses e da escrita da Carta de Pero Vaz de Caminha (CUNHA LACERDA, 2006). A descrição que ainda é veiculada pelos meios de comunicação e pelo próprio mercado turístico internacional é carregada de discursos literário e histórico, mas que foi consagrada em estereótipos, muitas vezes deturpados da cultura brasileira tal qual vivenciamos hoje. A literatura informativa ofereceu elementos para a criação de uma visão paradisíaca em torno do Brasil e que a publicidade turística se incumbiu de adornar o país com imaginários pouco expositivos da verdadeira identidade brasileira: “o Brasil do brasileiro”, “o lugar da libertinagem”, “o país do Carnaval”, “o lugar do exótico e do místico”, “o Brasil paraíso” (SÁ, 2002, apud CUNHA LACERDA, 2006).

O interesse atualmente em vincular a literatura criada a partir de ou sobre outros destinos literários pode mostrar também entusiasmo em romper com a apropriação da identidade e do imaginário brasileiros de forma dissonante. A criação do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu e conseqüentemente dos roteiros traçados pelos personagens de *Grande Sertão: Veredas* oportuniza uma aproximação legítima entre o forasteiro e o morador local.

Mas quem são as pessoas que hoje aderem ao turismo literário? Segundo David Herbert (2001), elas podem ser identificadas por diferentes motivações. A primeira delas é a motivação pessoal. Este é o primeiro fator que leva uma pessoa a visitar um destino cultural ou neste caso proposto, um destino literário. Ainda para Herbert, essas pessoas procuram visitar lugares que têm uma conexão com a vida dos escritores, podendo-se exemplificar, no Brasil, a Bahia de Jorge Amado, o Ceará de José de Alencar, o Rio de Janeiro de Machado de Assis, ou as Minas Gerais de Guimarães Rosa. Os visitantes buscam um contato com lugares que foram palco das vidas destes escritores e dentro deste espaço visitar as casas onde moraram, edifícios onde trabalharam ou onde desenvolveram as suas atividades de escritores, despertando até mesmo um sentimento de nostalgia por estarem, por algum outro motivo, intensamente apegados à literatura, especificamente a destes escritores. Uma segunda motivação é a visita a lugares que serviram de cenário de grandes obras literárias. Os livros de muitos escritores brasileiros e de tantos outros grandes

escritores mundiais transformam cidades e países em paisagens literárias: a Veneza de Shakespeare, a Colômbia de Gabriel Garcia Marques, a Buenos Aires de Borges, etc. Uma terceira motivação para Herbert é bastante pessoal e emotiva e que se resume à aproximação das memórias pertencentes à infância ou de outras recordações familiares do visitante. Como exemplo, pode-se citar a obra de Monteiro Lobato ou Cecília Meireles que estiveram presentes na fase de infância de seus leitores e podem estar conectados com alguns dos lugares que desencadeiam tais memórias. Uma quarta motivação, que também é considerada emotiva, é a ligação com algum fenômeno trágico ocorrido com o autor ou artista. Herbert exemplifica esta motivação citando o pintor Van Gogh que em uma cidade próxima a Paris onde morreu, ficou marcada a lembrança de sua morte trágica. Este evento tem atraído um grande número de visitantes à região, consolidando-a como um destino turístico.

O leitor que se torna turista busca verificar com seus próprios olhos a densidade histórica e cultural presente na obra literária. Ele é atraído pela possibilidade da experiência de viver o mesmo espaço descrito na ficção e de exercer suas concretizações de sentido à realidade encontrada na paisagem real (SIMÕES, 2002). Desta forma, Simões coloca que:

Se, num primeiro momento, o leitor é tomado pelo contato com o espaço (as ruas, as praças, as fazendas, e a trama que é urdida nesse cenário), depois, além do espaço, suscitam o seu interesse outras questões mais políticas e de exigências culturais, de discussão identitária (...). Instigado pelas ressignificações literárias, o leitor-turista é impulsionado a visitar o local, conviver com a gente, perceber a cultura; poder sentir, da sua perspectiva de leitor, aquela realidade ficcionalizada. (SIMÕES, 2002, p.180)

Após o estágio de conhecer a tessitura da obra literária, o leitor-turista quer deslocar-se para reconhecer a região descrita na obra (SIMÕES, 2002), transformando-se em turista-leitor, e então, participar do processo de ressignificação da obra literária e de validação das representações operadas na reconfiguração da região. Os lugares mencionados, a paisagem descrita e os personagens inventados se tornam as expectativas destes turistas que ora almejam concretiza-las ao visitar o lugar literário. Simões (2002) em seu estudo sobre a apropriação da literatura de Jorge Amado para o incremento do fluxo turístico na região de Ilhéus, Bahia outorga esta transição do leitor-turista ao turista-leitor:

Um outro lado da expectativa do turista-leitor é encontrar naquela cidade pacata, aquela dos olhos de Jorge Amado, como que parada no tempo. O turista foge dos grandes centros, da mesmice dos shoppings center globalizados e busca a cidade viva, não artificializada. Busca o centro da cidade, a pracinha, a paisagem peculiar que não existem nas metrópolis. Surpreende-se quando não mais encontra cavalos nas ruas, coronéis com seus chapéus de aba larga, burros com caçuás, levando o cacau para o porto, moças nas janelas, o Bataclan fervilhando de mulheres, o mar lambendo a praia da avenida Soares Lopes, a praia do Pontal cheia de

banhistas... Tudo mudou. O tempo é outro. Não somente porque a ótica é diferente, também porque o lugar-tempo do olhar está deslocado. (SIMÕES, 2002, p.181)

A modalidade de turismo literário tem contribuído de fato para um incremento bastante significativo da prática de turismo cultural. O interesse pelo estudo e investigação de tal modalidade ainda é incipiente no Brasil, assim como o número de destinos tidos como literários. Contudo, nota-se em nosso país um enorme potencial para o desenvolvimento de ações que visam a consagração de lugares cuja atratividade seja algum cenário de ficção literária ou que esteve fortemente ligado à trajetória de um escritor. O Brasil destaca-se pela imensa diversidade de produções literárias que contemplam períodos históricos claramente expostos em sua arquitetura e no modo de vida de sua população e que revelam regionalismos linguísticos, gastronomia, diversidade racial e paisagens naturais.

Para Magadán e Rivas (2012), a complexidade existente entre o mundo do livro e o patrimônio cultural radica-se no fato que há muitos elementos deste mundo literário que estão associados ao que poderia denominar-se patrimônio cultural tangível (casas-museus de autores, obras incunábulas, manuscritos, etc.), e muitos outros que se conectariam com o patrimônio cultural intangível (conteúdos, tradições, representações, etc.)”. O patrimônio cultural apresentado pela literatura de uma certa região pode assim coincidir com o mesmo patrimônio buscado pelo turista.

Nota-se a apropriação de obras canônicas da literatura para a implementação de práticas turísticas em diversas regiões do mundo. As biografias de grandes autores, transformadas em museus, festivais e espaços de visitação servem também como atratividade dos lugares tidos como destinos literários. Não obstante, todos tendem a sustentar a utilização dos recursos do capital cultural dessas regiões, através da valorização do patrimônio cultural, de forma inovadora e criativa (YÚDICE, 2013).

O turismo é um dos setores que estrategicamente e necessariamente se encarregou de posicionar a cultura como um recurso a ser utilizado para o próprio desenvolvimento da prática turística e, ainda, como o cerne epistemológico para o seu respectivo entendimento. Segundo Barretto, apreendemos que,

Não há dúvidas, de que a cultura tem uma grande influência no funcionamento da sociedade, tanto que é possível falar em cultura política, cultura organizacional etc. Ao mesmo tempo, está cada dia mais claro que não se pode pensar em cultura sem pensar em processos políticos e sociais mais amplos, o que leva a que a comercialização da cultura, em alguns momentos vista como algo estranho e até condenável, passe a ser vista com mais naturalidade, dado que ela faz parte da sociedade contemporânea. (BARRETTO, 2012, p.19)

Ao admitir a cultura como estruturante das políticas governamentais de turismo e até mesmo para elaboração de distintas práticas na comercialização de

destinos, atrações e serviços turísticos, pode-se enxergar formas institucionalizadas e não institucionalizada da cultura no âmbito do turismo. Uma diz respeito à expectativa sobre a relação daqueles que viajam com as entidades que irão possibilitar o viajante a chegar a seu destino, desde as escolhas feitas mediadas pelo agenciamento até a organização e aquisição dos produtos e serviços turísticos; a outra confere ao viajante uma maior independência de suas eleições e de lançar um olhar diferenciado e reflexivo sobre o ato de viajar e o destino visitado. Percebe-se, de certa forma, um retorno ao campo educativo e ao espírito do *Grand Tour*, uma preferência da experiência ao turismo quantitativo. O que se busca é um respeito maior ao meio ambiente e ao patrimônio que pudessem estimular as manifestações culturais e que permitissem a reafirmação da identidade (BARRETTO, 2012, p.23). Cabe ao turismo, em um uso estrito da cultura, revitalizar as artes de grupos étnicos, de suas manifestações folclóricas e patrimônios arquitetônicos através de seu uso turístico. Desta forma, contribui-se para a afirmação da importância da cultura e de sua aplicabilidade para o desenvolvimento de uma região ou país. É importante mencionar que essa tendência ainda auxilia para a expansão do turismo cultural e literário como forma alternativa e de uma prática de turismo mais justa em que as comunidades envolvidas são beneficiárias através da valorização de seus patrimônios. As comunidades, objetos da prática do turismo cultural, se posicionam de forma que novas identidades se agrupem como em um mosaico, e concebam uma nova forma de estar no mundo, a partir de seu patrimônio cultural já existente. A utilização da cultura enquanto processo integrante do turismo permite a identificação de um povo consigo próprio e com a sua forma de vida. Enquanto produto turístico, o uso da cultura visa a operacionalização de um conjunto de recursos, infraestruturas, serviços e criações culturais, oferecidas de forma organizada e regular num determinado tempo e lugar (LIMA, 2003, p.62).

Se em anos passados o turismo cultural era reflexo da busca pelas obras de arte, da institucionalização dos museus como expressão do nacionalismo, o turismo literário, que é também cultural, adequa-se à necessidade de encontrarmos através das representações do mundo real em uma obra literária a nossa identidade social. Ele se configura de forma singular, pois representa mais uma maneira de como buscamos as nossas individualidades e identidades. O turismo literário nos permite ater à subjetividade das experiências com as pessoas, com as coisas e com os lugares, rastreando as singularidades que os compõem.

No que se refere o Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu possível notar uma comunhão entre moradores e visitantes no espaço turístico proposto pela roteirização e práticas sociais e culturais alicerçadas pelo livro *Grande Sertão: Veredas*. Ambos agentes e produtores sociais partilham dos mesmos signos, símbolos e imaginários para assim construir um outro mundo repleto de novos significados, outrossim,

coabitarem uma outra realidade, que define o Mosaico como um destino de turismo literário.

2.1 Turismo Literário no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu

O Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu tomado como um destino de turismo cultural e literário compreende as características que realçam o seu patrimônio, a natureza e as manifestações artísticas. As tradições e a cartografia da paisagem sertaneja descritas com bastante afinco na obra Roseana conduzem a um itinerário que no enredo é encenado por Riobaldo Tatarana e que atraem visitantes intencionados em conhecer e conviver com a cultura sertaneja, descobrir a verdadeira localização do Liso do Sussuarão³, comprovar o que antes havia sido visto apenas com os olhos do autor, e ainda educar-se através da experimentação daquela geografia e historicidade.

Nada, nada vezes, e o demo: esse, Liso do Sussuarão, é o mais longe - pra lá, pra lá, nos êrmos. Se emenda com si mesmo. Água, não tem. Crer que quando a gente entesta com aquilo o mundo se acaba: carece de se dar volta, sempre. Um é que dali não avança, espia só o começo, só. Ver o luar alumando, mãe, e escutar como quantos gritos o vento se sabe sozinho, na cama daqueles desertos. Não tem excrementos. Não tem pássaros. (ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**, p.34)

O Liso do Sussuarão representa o ápice da ressignificação do universo de Rosa dentro do Mosaico. No romance, mitologicamente ele é descrito como um lugar de difícil travessia e de onde emerge a construção cultural do espaço vivido, quer seja pela própria população local, quer seja pelo grupo de peregrinos de **O Caminho do Sertão – De Sagarana ao Grande Sertão: Veredas**, praticado anualmente como estratégia de desenvolvimento ecoturístico na região, possibilitando um mergulho no universo de Rosa tal qual descrito em seu romance e concretizado na própria paisagem presenciada pelo caminhante. Soma-se à esta prática a valorização do patrimônio cultural, suas singularidades e todo o imaginário entorno da narrativa de *Grande Sertão: Veredas*. Na vertente imaterial de seu patrimônio, a região é formada por comunidades tradicionais que mantêm os seus saberes e fazeres de tempos antigos. Neste mesmo intuito de resgate e de fortalecimento da cultura local, são ainda

³ O Liso do Sussuarão constitui essencialmente uma antítese: ao mesmo tempo que congrega paragens pardas e mortas sob um sol escaldante, possui uma aura má tão intensa, um silêncio de tal maneira ensurdecedor, que parece vivo. A força opressiva da morte é tamanha que anima o local, dando-lhe a vida de algo próximo a um assassino silencioso - “a luz assassinava demais” (p.67) - , somente possível através da mediação riobaldiana, que interage com o local a ponto de torná-lo um espaço universal pleno de angústia, morte, sofrimento, de uma maldade em tons acinzentados e ocres, sem perder o matiz da região inóspita (PELINSER, A.T.; ARENDT, J.C., p.154, 2010). No evento “Caminho do Sertão” o Liso do Sussuarão tornou-se o ápice da caminhada de sete dias pelo itinerário de Riobaldo Tatarana e uma espécie de *El Dorado* a ser encontrado e explorado pelo caminhante.

desenvolvidos na região o **Festival de Sagarana** e o **Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas** que possuem como objetivo comum a valorização das tradições, dos costumes e dos saberes locais levando reflexão aos moradores sobre suas próprias condições de existência e resistência, através da aproximação com a ficção e com o turismo. Tais eventos têm atraído um número cada vez maior de visitantes da região e de outros estados.

A proposta de reconhecimento oficial da Funatura expõe inúmeras passagens do romance do escritor mineiro referenciadas geograficamente no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu, retratando com extrema sensibilidade o cenário e a realidade regional, com descrições de locais, da relação do homem com a natureza e de suas características culturais ainda hoje encontradas na região.

Figura 02 – Folder de apresentação do Projeto de Implementação do Mosaico



Fonte: Funatura (2012)

A criação ou o manejo de um sistema de símbolos já existente permite aos moradores das localidades compreendidas pelo Mosaico agirem sobre suas próprias imaginações e transportarem a si mesmos para o mundo ficcional, sem desatar da realidade a qual pertencem, fazendo com que suas existências sejam prolongadas por meio das imagens de si próprios e de outrem. A imaginação desencadeia paixões e estas direcionam-se de forma estrita à manutenção dos símbolos e representações. Ela serve como guia e contribui para a formação da imaginação coletiva criando novos

valores (BACZKO, 1985, p.302) e fortalecendo a legitimidade do homem sertanejo, da forma descrita no romance de Guimarães Rosa. É através dos símbolos e das representações que o sertanejo poderá compartilhar seus mitos e almejar a continuidade de sua existência enquanto membro de um grupo social legítimo e detentor de um patrimônio de valores e esperanças. Para Baczko, a dicotomia real/ilusório faz parte do processo de construção de um sistema de símbolos e representações e que esta assume papel fundamental para a perpetuação da existência de uma sociedade, dando-lhe consciência temporal e espacial através de sua própria verdade,

O imaginário criado em torno dos símbolos e das experiências permitidas pela prática social do turismo no Mosaico reforçam o poder das representações coletivas e acabam por estabelecer um risco de historicidade que amarra a materialidade e a imaterialidade da cultura das pessoas que vivem na região. Para Brusadin (2015, p. 70), as pessoas de um determinado grupo social podem além de construir o seu patrimônio, elas são capazes de dar teor simbólico às construções sociais que lhes são permitidas. Tais contribuições impreterivelmente são carregadas de historicidade e do próprio imaginário simbólico destes grupos que os as incorporam.

Para a composição de um roteiro turístico que possa abranger o patrimônio histórico, cultural e ambiental das comunidades do Mosaico, basta apropriar-se do itinerário de Riobaldo, que em movimentação geográfica evoca grande parte do patrimônio natural e cultural e das representações simbólicas que contribuem para o enriquecimento e permanência da memória coletiva do Sertão brasileiro sem ousar fazer juízo dos valores que cada um deles tem. Viggiano mostra que,

O roteiro de Riobaldo “Tatarana” quase se confunde com o Sertão, é indefinido como o próprio Sertão. Sendo ficcional, ideal, obedece principalmente às rédeas da imaginação, mas tem, como acontece em toda obra criativa, uma base também física. Podemos acompanhá-lo nas suas movimentações, desde a infância junto à “Bigrí”, sua mãe, até o momento ideal em que ele narra sua saga para o moço da cidade, já quase “barranqueiro”, nas margens do São Francisco, com os mesmos companheiros de cangaço, vestidos de colonos. E com as mesmas dúvidas: o diabo vige, ou manda Deus? (VIGGIANO, 1974, p.28)

O início da saga de Riobaldo é marcado pela morte da mãe. Após estar sozinho, o protagonista do enredo viaja para a casa de seu padrinho onde começaria a aprender sobre o ofício de jagunço e sobre as intempéries do Sertão:

Adiante? Conto. O seguinte é simples. Minha mãe morreu – apenas a Bigrí, era como ela se chamava. Morreu, num dezembro chovedor, aí foi grande a minha tristeza. Mas uma tristeza que todos sabiam, uma tristeza do meu direito. De desde, até hoje em dia, a lembrança de minha mãe às vezes me exporta. Ela morreu, como a minha vida mudou para uma segunda parte.

Amanheci mais. De herdado, fiquei com aquelas miserinhas – miséria quase inocente – que não podia fazer questão: lá larguei a outros o pote, a bacia, as esteiras, panela, chocolateira, uma caçarola bicuda e um alguidar; somente peguei minha rede, uma imagem de santo de pau, um caneco-de-asa pintado de flores, uma fivela grande com ornados, um cobertor de baeta e minha muda de roupa. Puseram para mim tudo em trouxa, como coube na metade dum saco. Até que um vizinho caridoso cumpriu de me levar, por causa das chuvas numa viagem durada de seis dias, para a Fazenda São Gregório, de meu padrinho Selorico Mendes, na beira da estrada boiadeira, entre o rumo do Curralinho e o do Bagre, onde as serras vão descendo. (ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**, p.110-111)

Desta maneira o patrimônio cultural das comunidades sertanejas serve como artifício para tornar presente no espaço as representações que elegeram de seu tempo passado. Aliado à apropriação da obra de Rosa, o imaginário evocado dos símbolos e das identidades ali encontradas alcança nomeadamente o status de “real”. Segundo Halbwachs (1990 apud BRUSADIN, 2015, p.76), “o lugar torna-se representação do passado e supri algumas etapas do esquecimento”, tornando possível o objetivo maior da implementação do Mosaico como um destino turístico literário, valorar as crenças e tradições antigas, através da manutenção e preservação de suas práticas sociais e seu meio. O turismo desempenha importante papel no mecanismo de resgate e manutenção da cultura de uma determinada comunidade. Ele atrela a compreensão do imaginário social e seus símbolos com o lazer (BRUSADIN, 2015), serve como ferramenta de preservação do lugar e das práticas sociais, incita um desenvolvimento social de forma endógena e, no caso do turismo literário, funciona como provocador cultural por parte da literatura.

3 Considerações Finais

Não é intenção propor uma análise sociológica ou literária sobre a apropriação e constituição de *Grande Sertão: Veredas* ou dos fatores sociais que explicariam a interação do autor com a obra. Não é intenção diminuir a importância desta relação para entendermos o que é legítimo da singularidade do Mosaico enquanto espaço turístico. Cabe neste artigo expor a definição de turismo literário como uma prática do turismo da modernidade e a sua aplicabilidade no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu através das ações praticadas por aqueles envolvidos nelas: os gestores, os visitantes e os próprios visitados. Pôde-se refletir sobre as ações praticadas na região que visam o desenvolvimento turístico como práticas sociais e de empoderamento à população local. Assim, a literatura, em sua condição de arte e de produção social, é capaz de produzir sobre os indivíduos através da apropriação de *Grande Sertão: Veredas* um efeito prático que altera a concepção do mundo e enaltece os valores sociais. Ao apropriar-se da obra de Guimarães Rosa para o uso turístico, o comunicante, antes apenas o autor, agora divide a função com gestores da atividade turística do Mosaico; o comunicado, as representações simbólicas da obra; o comunicando, o turista-leitor

ou leitor-turista, assim como os moradores locais que ora constituem-se elemento da criação da própria obra, ora são receptores da mensagem apropriada pelos gestores do Mosaico. O efeito é justamente a evidenciação da cultura sertaneja e o surgimento de fluxo turístico na região.

Referências Bibliográficas

Baczko, B. (1985). A imaginação social. *Leach, Edmund et Alii Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

Barretto, M. (2007). *Cultura e Turismo: discussões contemporâneas*. Campinas: Papirus.

Brusadin, L. B. (2015). A dinâmica do patrimônio cultural no turismo dentre o processo híbrido de memória e identidade da cultural social. *Revista de Cultura e Turismo*, 9, 3, 64-85.

Cunha Lacerda, P. F. A. (2006). A relação entre turismo e literatura: um processo de construção dos espaços turísticos brasileiros. *Estação Científica (FESJF, online)*, 2.

Fundação Pró-Natureza. (2012). *Estrada-Parque Guimarães Rosa: Proposta de Reconhecimento Oficial – uma via em benefício do turismo ecocultural e do fortalecimento da identidade territorial do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu*. Brasília/DF.

Herbert, D. (2001). Literary Places, tourism and the heritage experience. *Annual of Tourism Research*, 28, 2, 312-333.

Hoppen, A. (2012). *Literary places and tourism: a study of visitor's motivations at the Daphne Du Maurier festival of arts and literature*. Bournemouth: Bournemouth University.

Lima, C. (2003). Turismo Cultural: que formação? *Turismo na pós-modernidade (des)inquietações*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Magadán Diaz, M. e Rivas Garcia, J. (2012). *Turismo Literário*. Espanha: Septem Ediciones.

Pelinsler, A. T. e Arendt, J. C. (2010). Liso do Sussuarão: a região relatada e praticada. *Nonada*, 13, 14, 147-162.

Rosa, G. (2006). *Grande Sertão: Veredas* (1ª Ed.). Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

Simões, M. L. N. (2009). Identidade cultural e turismo: a literatura como agenciadora de trânsito. *Turismo cultural – estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus.

Simões, M. L. N. (2002). Do leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, 6, 177-184.

Yúdice, G. (2013). *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global* (2ª Ed.). Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Viggiano, A. (1974). *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Brasília: Ed. Comunicação/MEC.